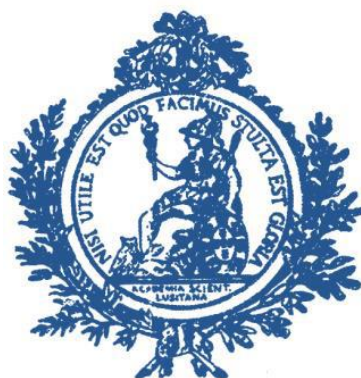


Alexandre Castro Caldas

**DANIEL SERRÃO: DANIEL SERRÃO
SEGUIDO DE
SAUDAÇÃO AO RECIPIENDÁRIO
ALEXANDRE CASTRO CALDAS**

Por José Manuel Toscano Rico



ACADEMIA DAS CIÊNCIAS DE LISBOA
CLASSE DE CIÊNCIAS

FICHA TÉCNICA

TÍTULO

DANIEL SERRÃO: DANIEL SERRÃO
SEGUIDO DE
SAUDAÇÃO AO RECIPIENDÁRIO ALEXANDRE CASTRO CALDAS

AUTORES

ALEXANDRE CASTRO CALDAS
JOSÉ MANUEL TOSCANO RICO

EDITOR

ACADEMIA DAS CIÊNCIAS DE LISBOA

EDIÇÃO

INÊS GARCEZ
DIANA SARAIVA DE CARVALHO

ISBN

978-972-623-374-9

ORGANIZAÇÃO



ACADEMIA DAS CIÊNCIAS
DE LISBOA

Academia das Ciências de Lisboa
R. Academia das Ciências, 19
1249-122 LISBOA
Telefone: 213219730
Correio Eletrónico: geral@acad-ciencias.pt
Internet: www.acad-ciencias.pt

DANIEL SERRÃO: DANIEL SERRÃO

Alexandre Castro Caldas

Senhor Presidente,

Estimados Confrades,

Manda a tradição desta Academia que quem ocupa uma cadeira tornada livre por força da rígida lei da Natureza, dê a conhecer aos pares o seu pensamento sobre o contributo científico e a personalidade do detentor da cadeira que agora passou a ocupar. Posso garantir que o não faço por obrigação mas por dever de admiração, respeito e, posso dizer, amizade que pude partilhar com o Prof. Daniel Serrão desde que em 2004 aceitei o desafio da Universidade Católica e com ele convivi no Instituto de Bioética. Honra-me muito o facto de a ele suceder nesta Academia, que teve como primeiro Presidente eleito, o meu bisavô Francisco Teixeira de Queiroz.

Se tivesse que arranjar um título e um subtítulo apropriados ao texto que aqui fica, escolheria: “Daniel Serrão: Daniel Serrão”. Para as personagens que são únicas, não conseguimos destacar atributos correndo o risco de reduzir a sua verdadeira grandeza.

Outros o fizeram no livro de homenagem que reuniu textos de múltiplos autores, na comemoração do seu octogésimo aniversário. Foram destacados atributos diversos por cada um dos autores. Atributos esses que, no seu conjunto, talvez constituam uma aproximação ao seu retrato. *Firmeza das posições* lembra o Prof. Almeida Santos, *Artífice da Utopia* sugere a Prof.^a Ana Sofia Carvalho, *Dinamismo entusiasmado e entusiasmante* acrescenta o Dr. Lopes Cardozo, *Traços de excepcionalidade e Paladino da Liberdade e da autonomia* são sugestões da Prof.^a Fernanda Henriques e do Prof. Fernando Regateiro. Os Profs. Isabel e Michel Renaud salientam a *Riqueza afectiva* e a Dr.^a Joana Cunha e Costa chama a atenção para a *Alegria intrínseca* realçando o domínio dos afectos. Tive a honra de ter sido convidado a contribuir para esse volume com um pequeno texto que intitulei: *Todos somos seus discípulos*. A razão por que escolhi esse título é simples de entender. Já nessa altura não fui capaz de destacar atributo qualquer, mas sim salientar o que sempre aprendi com ele em cada encontro.

É difícil, entre a vastíssima obra escrita de Daniel Serrão, salientar em curto período de tempo o tema que mais trabalhou. Outros já o fizeram, bem melhor do que eu, como foi o caso do seu discípulo Carlos Costa Gomes que reuniu e reviu na sua tese de doutoramento o pensamento bioético do mestre e a quem agradeço ter-me disponibilizado a obra. Esta parece-me ser, sem dúvida, a faceta mais interessante do seu trabalho, sobretudo para aqueles que se preocupam com o significado das coisas do mundo.

Daniel Serrão preocupou-se, por aquilo que designou por Bioética I, ou, por outras palavras, uma reflexão antropológica sobre a natureza do ser humano em todas as suas dimensões. Nas suas palavras:

A Bioética I é uma Antropologia Filosófica, racional, cujo objectivo é trabalhar para construir uma natureza específica e abstracta para o ser humano. Começa nos gregos e manifesta-se essencialmente nas culturas europeias, permanece, hoje, como a principal tarefa da racionalidade filosófica... É uma imensa lista de intelectuais que pensaram o homem em si próprio, em busca da decifração do segredo da sua natureza específica. Uns abertos, outros fechados à Transcendência, “deram a cara” pelas suas convicções mais profundas, escreveram como quem se confia aos outros e a eles abre a sua intimidade. Por isso, os lemos hoje, continuamente, e os seus textos comovem-nos até às entranhas, ainda que deles discordemos total ou parcialmente.

Aqui temos o autor expondo-se também à procura, nas leituras dos filósofos gregos e dos pensadores atuais e confessando a sua cumplicidade com Pedro Laín Entralgo, médico também e catedrático de História de Medicina da Universidade de Madrid, com quem partilhava ideias.

Tive ocasião de o ouvir, mais do que uma vez, falar da evolução das competências cognitivas humanas revelando a preocupação de entender quem somos. Devo confessar que sempre considerei a sua posição demasiado antropocêntrica, não deixando de ser, apesar disso, alicerçada em sólida argumentação. Preocupava-o sobretudo a Transcendência, a dimensão espiritual do ser humano tão impermeável ao pensamento daqueles que se confinam às evidências em que a ciência moderna nos quer fazer acreditar. E não podemos esquecer que Daniel Serrão era um cultor por excelência da ciência revelada pelos sentidos. Não se encontra facilmente a transcendência numa lâmina de tecidos humanos, colocada num microscópio.

Vale a pena voltar às palavras de Daniel Serrão agora plasmadas na longa entrevista publicada por Henrique Manuel Pereira no final de 2011. É um texto interessante porque o entrevistado está mais liberto dos constrangimentos do texto escrito fazendo assim mais livre o seu pensamento. Discutia-se o que ele designava por *archeobiologia* e *archeomemória*, assumindo a existência de memórias extra cerebrais que fazem parte dos genes das células que constituem os diversos tecidos humanos e dizia:

estando o feto em meio aquático no interior do espaço amniótico, o cérebro terá memória do estágio anterior em que os percursores do homem eram animais aquáticos? E o pulmão, banhado em água terá nas suas células a memória fisiológica de quando eram células branquiais?... Esta é uma matéria da qual falo muitas vezes mas sobre a qual só me atrevi a escrever, até hoje, coisas gerais. E quando falo digo que mesmo que coloquemos a descendência do Homem moderno apenas a partir do ser vivo que existia há seis milhões de anos (esquecendo toda a evolução anterior até aos Primatas) há uma cadeia contínua de gerações de homínídeos que asseguram a existência desta espécie assegurando a persistência de um genoma, que é uma estrutura física e química, pela conjugação dos gâmetas...

acrescenta depois que esta memória física e química não está ao alcance da consciência cognitiva do homem moderno.

Fica-nos a ideia de que, para ele, existe um salto qualitativo na passagem dos seres sem consciência cognitiva para a geração dos primatas homínídeos e daí tê-lo apelidado, acima, de antropocêntrico. Talvez seja eu mais evolucionista e dê o benefício da dúvida a uma consciência cognitiva elementar de alguns animais mais nossos amigos.

É interessante acrescentar o apreço que tinha pela extensão do ser humano para a dimensão digital: “a Internet está a criar um novo tipo de ser humano bem melhor que o actual”. O que é interessante é que esta perspectiva faz a transição da Bioética I para a Bioética II, isto é do ser para o fazer. A informática é vista na perspectiva do apoio para a ação e não na ideia da transformação da essência do humano nem tampouco numa aproximação ao conceito de transcendência. Não terá tido infelizmente a oportunidade de desenvolver os problemas do impacto das novas tecnologias na transformação da natureza humana no domínio da Bioética I. Para Daniel Serrão:

O objectivo da Bioética II é o de promover as decisões que sejam boas para o maior número de cidadãos, que sejam conformes com os valores sociais maioritários e que fomentem a paz social e não a conflitualidade. Não está em causa nenhuma antropologia transcendental, nenhuma verdade universal e absoluta, nenhuma orientação teleológica ou teleonómica... Estão em causa mulheres e homens, concretos e comuns, que vivem numa sociedade concreta e nela adoecem, sofrem e morrem. E que esperam o melhor de quem os acode, os trata e os acompanha na fase final. Em nome de conceitos tão simples — e tão vagos — como a dignidade humana.

Conclui dizendo:

É bom que haja tensão entre os cultores das duas Bioéticas. Os da Bioética II dirão aos da I: não sejam tão teóricos, desçam à terra. E os da I responderão aos da II: não sejam tão pragmáticos e utilitaristas, elevem-se até a essência do fenómeno humano.

Este interesse pelas questões da Ética foram muito precoces na sua carreira podendo ser considerado um dos mais responsáveis pela introdução, em Portugal, da preocupação bioética na vida diária das organizações responsáveis pela saúde. Este interesse foi reconhecido no Vaticano tendo sido membro da Academia Pontifícia para a Vida.

Pela forma como Serrão Bioético aproxima a discussão a estas questões, compreendemos como Serrão Médico fazia a reflexão sobre a vida e como interagia com o mundo que o rodeava. Aqui conseguimos evocar as horas passadas na bancada do laboratório debruçado sobre o óculo do microscópio, procurando a resposta que lhe era solicitada e que tantas vezes representava uma mensagem de vida ou de morte. Ao contrário da atividade do médico clínico que enfrenta o doente e com ele tem que aprender a interagir, o patologista reflecte sobre uma parcela física e morta da pessoa, e tem que imaginar o todo, remetendo-se para uma imagem imaterial. A pessoa doente vagueia no imaginário como um conceito, com vida e sentimentos, e esse exercício repetido, diariamente, ao longo dos anos amplia a noção imaterial da pessoa humana e do seu sofrimento e assim se contribui para construir a *natureza específica e abstracta para o ser humano*, como ele deixou escrito no seu texto que citei acima a propósito da Bioética I.

É, porventura, a extraordinária inteligência reflexiva de Daniel Serrão aliada à experiência bem vivida da profissão que abraçou, de médico patologista e professor, que o fez tão especial e diferente. Foi na realidade exceção no domínio da Medicina, como Patologista, foi reconhecido como Professor excepcional na Faculdade de Medicina do Porto, destacou-se na investigação científica pelas suas publicações e pelo papel ativo na participação em processos de avaliação e na vida desta Academia.

Toda esta experiência consolidou a sua forma de pensar o mundo e o combate frontal pelo que considerava próprio da forma de ser e de agir dos seres humanos. Esta frontalidade de opiniões, que o Cardinal Elio Sgreccia designou de *transparência* numa dedicatória feita na tradução portuguesa do seu Manual de Bioética, foi um traço desta personalidade que não pode ficar esquecido. Daniel Serrão dizia o que pensava qualquer que fosse o seu interlocutor.

Não devo terminar esta breve reflexão sobre este homem grande sem fazer algumas referências à pessoa, fora dos constrangimentos de uma vida técnico-científica ou de reflexão filosófica. Daniel Serrão era senhor de um grande sentido de humor. Era mais frequente vê-lo a sorrir do que ensimesmado. Gostava de contar uma boa história, tive ocasião de me rir com algumas que, naturalmente, aqui não reproduzo. Isso acontecia nos almoços que se seguiam às reuniões do Conselho Científico do Instituto de Bioética no Porto. Em ambiente desanuviado era, em geral, o centro das atenções. Essa facilidade de convívio fez também o seu sucesso longe do formalismo das instituições. Basta citar aqui o seu sucesso nas Confrarias do Vinho do Porto e do Vinho Verde a que aderiu para promover o consumo moderado do álcool e para defender o valor das associações organizadas espontaneamente em torno de valores culturais regionais que importa preservar.

No fim fica a saudade do calor da sua saudação amiga e do olhar vivo transparente e atento, por trás das lentes, entre um cabelo branco e farto e um sorriso franco.

*(Discurso proferido na sessão plenária e pública
de 6 de dezembro de 2018)*

*

*

*

**RESPOSTA AO ELOGIO HISTÓRICO DO PROFESSOR DANIEL
SERRÃO PROFERIDO PELO PROFESSOR
ALEXANDRE CASTRO CALDAS**

José Manuel Gião Toscano Rico

Ex.^{mo} Sr. Presidente da Classe de Ciências da Academia das Ciências de Lisboa,
Prof. Carlos Salema,

São para V. Ex.^a as minhas primeiras palavras para o saudar com o maior respeito e amizade. Nesta Cerimónia cumpre-se uma das antigas tradições desta Casa que se tornaram estatutárias.

A memória dos confrades deve ser preservada e é sempre um gosto reviver as ocasiões e os factos que ainda guardamos da sua convivência, da sua participação nos nossos trabalhos, do prestígio que trouxeram para esta Instituição bicentenária.

Eminentes Académicos e Caros Confrades e Amigos,

Minhas Senhoras, Senhores,

Ex.^{ma} Família do Professor Daniel Serrão,

Determinam os Estatutos da Academia das Ciências de Lisboa que o novo Académico faça o Elogio Histórico do seu antecessor, e que outro Académico em nome da Instituição o saúde. Deste modo, pode aproveitar-se o ensejo para, além da saudação, se darem as razões da sua eleição e aludir ao que a Academia espera do seu novo membro, especialmente neste momento em que a revisão dos Estatutos obriga a um repensar de toda a Instituição desde a sua estrutura ao seu modo de estar na Sociedade e ao seu funcionamento interno.

Estas sessões dedicadas ao Elogio Histórico de Académicos que já nos deixaram ou que passaram à categoria de Eméritos compreendem assim duas facetas.

Na sessão de hoje foi evocada a memória do Prof. Daniel Serrão pelo seu sucessor, Professor Alexandre Castro Caldas, com o seu brilho habitual. Eu gostaria de me associar a esta evocação também como amigo de longa data.

No âmbito universitário existem três domínios inerentes à actividade de um docente e que, portanto, são testemunhas da sua forma de ser e estar no mundo. A dedicação ao ensino, não só dos alunos como igualmente na formação de colaboradores

que assegurem a continuidade de um trabalho iniciado em comum e o levem mais longe. A investigação, que pelo delinear de novos métodos, pela invenção de novas tecnologias, pela formulação de conceitos originais permite um acréscimo dos conhecimentos e abre novas fronteiras à Ciência e, deste modo, contribui para o progresso da vida colectiva. Um terceiro domínio, também da maior importância quando se olha para uma carreira universitária, é a dedicação às instituições, o espírito de serviço em que se colocam as qualidades e os conhecimentos na procura do bem dos outros.

Considero que os traços mais importantes da personalidade ímpar do Professor Daniel Serrão foram um espírito aberto, uma inteligência clara, uma vontade e uma tenacidade notáveis, aliadas a uma coragem indómita, directa, alicerçada em convicções profundas e racionais, podendo com pleno direito recitar o *IF* de Kipling, todos estes traços iluminados por uma Fé convictamente assumida.

Senhor de uma vastíssima cultura geral possuía uma qualidade da maior importância para a Academia das Ciências de Lisboa que foi a de poder estabelecer pontes entre as áreas Biológicas e as Ciências Humanas.

Passemos agora ao segundo pólo desta sessão, aquele que mais directamente me incumbe por designação da Academia das Ciências de Lisboa, e também por uma já muito longa consideração que o tempo transformou em amizade. Espero que esta amizade não interfira com a objectividade das considerações que se seguem.

O Professor Alexandre Castro Caldas nasceu em 1948 e licenciou-se em Medicina em 1973. Prosseguiu todos os graus da Carreira Académica chegando a Professor Catedrático de Neurologia na Faculdade de Medicina de Lisboa em 1990, lugar que ocupou até 2004 quando passou a dirigir a Faculdade de Ciências da Saúde da Universidade Católica Portuguesa.

O cérebro humano é uma das estruturas mais complexas e perfeitas da natureza, resultado de uma evolução e condicionante dessa mesma evolução, incumbe-lhe não só a regulação de todos os sistemas biológicos como também a relação do Homem com os outros e com a natureza que o rodeia. A sua complexidade torna-o, por isso, vulnerável a diversas perturbações. A Neurologia cultivada desde cedo pelo Professor Castro Caldas é, deste modo, uma das disciplinas fundamentais da Medicina actual. As qualidades que evocámos em relação ao Professor Daniel Serrão, nomeadamente a

Investigação, o Ensino, e a Dedicção às Instituições encontram-se constantemente presentes no *curriculum* do Professor Alexandre Castro Caldas.

No domínio da Investigação sobressaem não só os trabalhos sobre a Doença de Parkinson como sobretudo os relativos às perturbações da linguagem que tanto afligem os doentes na sua vida de relação. O público reconhecimento dos seus méritos levou-o a dirigir o Laboratório de Estudos da Linguagem do Centro de Estudos Egas Moniz, entre 1975 e 1998, a ser Coordenador do Centro de Neurociências de Lisboa entre 1990 e 2001 e membro do *Advisory Board* da *European Graduate School of Child Neuropsychology* entre 1992 e 2000, assim como a publicar cerca de uma centena de artigos nas principais revistas estrangeiras da especialidade, para além de cerca de duas dezenas de capítulos em livros.

Na área clínica foi Director do Serviço de Neurologia do Hospital de Santa Maria entre 1997 e 2004, Vogal do Colégio de Neurologia da Ordem dos Médicos e seu Presidente entre 1994 e 1997.

A segunda vertente, a do Ensino, evidencia-se não só pela regência da Disciplina de Neurologia a nível pré-graduado, mas sobretudo na sua relação com a investigação pela orientação de treze Dissertações de Doutoramento. Ainda neste domínio devem ser referidas a Coordenação da Neurofisiologia e Neurociências Cognitivas do Curso de Psicologia da Universidade Lusófona desde 1996 e a pertença como *Faculty Member* da *Lundbeck International Neuroscience Foundation* desde 2003.

A terceira faceta, a intervenção pública pela participação na vida e funcionamento das Instituições, está também sempre presente ao longo dos anos. Para além da actividade como Professor Catedrático e Director do Serviço de Neurologia, deu um importante contributo à Faculdade de Medicina de Lisboa como Presidente do Conselho Pedagógico.

As qualidades humanas e científicas do Professor Castro Caldas foram também reconhecidas extramuros, sendo desde 2000 Coordenador de Neuropsicologia da Universidade de Évora, desde 2004 Membro do Conselho Consultivo para as Aplicações do Departamento de Matemática da Faculdade de Ciências de Lisboa, e do Conselho Científico da Faculdade de Engenharia da Universidade Católica Portuguesa. Para além destes cargos dirige a Faculdade de Ciências da Saúde da Universidade Católica Portuguesa.

Estas qualidades levaram-no também a exercer cargos relevantes em sociedades científicas nacionais e internacionais como, por exemplo, membro da Direcção da Sociedade Portuguesa de Psicologia, Presidente da secção de Doenças do Movimento da Sociedade Portuguesa de Neurologia e mais tarde, também seu Presidente, Presidente do *Scientists Panel on Cortical Function da European Federation of Neurological Societies*, para além de muitas outras.

O reconhecimento dos méritos do Professor Castro Caldas levou-o igualmente a um papel importante na avaliação de projectos de investigação no âmbito da JNICT, da FCT e da Fundação Merck Sharp & Dohme em Portugal, e internacionalmente no BIOMED, no INSERM e na *Agencia per la Qualitat del Sistema Universitari a Catalunya*.

A actividade científica foi galardoada com diversos dos prémios mais importantes e prestigiados, o Prémio Sandoz da Sociedade Portuguesa de Neurologia por três vezes, o Prémio Pfizer da Sociedade de Ciências Médicas também por três vezes, o Grande Prémio de Medicina da Fundação Bial, o *Nelson Butters Award da International Neuropsychological Society*.

O *Curriculum* científico e a colaboração do Professor Castro Caldas na vida académica pela apresentação de comunicações do maior nível científico e cultural justificaram a sua eleição como Académico Correspondente em 2005.

Como em tempos referi, as Academias são, antes de mais, comunidades de seres humanos. Como tal reflectem o seu ideal, o seu prestígio científico e humano, a dedicação posta ao serviço da promoção da Sociedade mercê do acréscimo de conhecimentos, da formulação de conceitos, da proposta de resolução para os problemas quotidianos, assim como da promoção da Cultura. Não sendo, regra geral, agentes executantes de projectos concretos, as Academias têm no entanto uma capacidade interventora notável na Sociedade, resultante da qualificação dos seus membros e do espírito que os anima, aliados a um trabalho em comum orientado para o largo horizonte da comunidade social. Esta abertura e esta dinâmica, bem patentes ao longo dos mais de dois séculos de existência da Academia das Ciências de Lisboa, evita um movimento circular e narcisista que anula os homens e estiola as instituições criando um isolacionismo incompatível com a própria natureza e missão específica das Academias.

A Ciência, quando cultivada ao mais alto nível, constitui um factor de aproximação entre os Homens. As Academias de uma forma geral, e a nossa Academia das Ciências de Lisboa, desde a sua fundação há mais de dois séculos, têm fomentado esta ligação articulada entre as diversas áreas das Ciências Humanas e os múltiplos domínios das Ciências Exactas e Biológicas como elementos complementares do conhecimento.

Sir Charles Percy Snow, tanto do gosto do nosso saudoso Presidente Prof. José Pinto Peixoto, chamou-lhes as duas culturas, designação que deu a uma *Rede Lecture* na Universidade de Cambridge em 1959, mais tarde publicada com o título *The Two Cultures and the Scientific Revolution*. Segundo ele, muitas pessoas de grande cultura, embora especializadas nas áreas das Humanidades, ignoravam a segunda lei da Termodinâmica, assim como os seus equivalentes das áreas científicas nunca tinham lido uma obra de Shakespeare. E insurgia-se contra o sistema educativo que separava as duas áreas, considerando que só um conhecimento equilibrado das duas permitia um desenvolvimento cultural harmonioso do indivíduo.

É nesta linha de pensamento que se insere a evolução actual da Academia das Ciências de Lisboa ao propor em sede de revisão Estatutária a criação de novas Secções. Procurou-se deste modo não só adequar melhor a estrutura da Academia aos progressos das ciências como também criar Secções em ambas as Classes mais directamente orientadas para a interdisciplinaridade do conhecimento.

Ex.^{mo} Sr. Presidente, Caros Confrades, Minhas Senhoras, Senhores,

A perenidade das instituições ligadas à vida dos Homens, tal como a da Sociedade onde se inserem, está indissoluvelmente ligada a uma permanente renovação. Por isso, a responsabilidade dos presentes Académicos é muito grande ao elegerem os novos membros que lhes virão a suceder e a manter aquela continuidade. Pelo que ficou exposto deste breve resumo da obra do Prof. Alexandre Castro Caldas, julgo que todos cumprimos com a nossa obrigação e dedicação à Academia das Ciências de Lisboa ao eleger como Académico Efectivo uma personalidade que tão bem corresponde ao lema da Academia: *Nisi utile est quod facimus stulta est gloria*.

*(Discurso proferido na sessão plenária e pública
de 6 de dezembro de 2018)*